

30540

PREVALÊNCIA E NÍVEIS DE ANSIEDADE ENTRE OS ESTUDANTES DE MEDICINA DA UFRGS

Lucas Seiki Mestre Okabayashi, Ana Margareth Siqueira Bassols, Bruna Brasil Carneiro, Guilherme Corrêa Guimarães, Gabriela Neubarth Côrtes. **Orientador:** Claudio Laks Eizirik

Introdução: A Escola médica é reconhecida como um fator ansiogênico na vida e na saúde do graduando. Dentre os fatores associados encontra-se a grande quantidade de informações a ser assimilada, a pressão por estar sob avaliação constante, a interação com os pacientes, preocupações econômicas e mudanças no estilo de vida. Ansiedade é comum em situações conflitantes ou de grande exigência como a formação médica. Ela se apresenta como sensação eminente de perigo, reação a uma ameaça real ou imaginária. No contexto estudado, o futuro incerto, a necessidade de aprendizado, o convívio com os colegas e a pressão frente às avaliações figuram entre os fatores mais ansiogênicos. Sabe-se também, que estudantes de medicina apresentam maior prevalência de sintomas ansiosos do que a população geral. **Objetivo:** O objetivo deste estudo foi identificar a prevalência de sintomas de ansiedade de uma escola pública de medicina, comparando os grupos de primeiro e sexto ano. **Método:** Trata-se de um estudo transversal, observacional, de uma amostra de estudantes de medicina do primeiro e do sexto ano, regularmente matriculados. Foram utilizados no presente estudo um questionário sócio demográfico e o Inventário Beck de Ansiedade (BAI). Para análise estatística foi utilizado o SPSS 18. Foi-se feita a análise de qui-quadrado de Pearson para a análise bivariada e como modelo de regressão múltipla utilizou-se a regressão de Poisson. **Resultados:** Responderam aos instrumentos 232 alunos, sendo 110 do primeiro ano e 122 do sexto. Em relação ao sexo, no grupo de primeiro ano o número de homens 56,4% (62) foi superior ao de mulheres, ocorrendo o inverso na turma de sexto ano com 45,1% (55) de homens. As médias de idade foram de 20,7 anos (D.P. 2,6) no primeiro ano e 25,3 anos de (D.P. 2,7) no sexto ano. Apresentaram sintomas ansiosos 30,8% dos alunos do primeiro ano x 9,4% do sexto ano, com diferença estatisticamente significativa ($p < 0,001$). A média de escores de sintomas de ansiedade na entrada do curso (8,61) é maior do que a média dos escores dos alunos na saída do curso (4,99) e a diferença entre as prevalências foi estatisticamente significativa ($p < 0,001^*$). Na análise por sexo, as alunas mostraram-se mais afetadas por sintomas ansiosos. Quando as variáveis foram ajustadas para estresse, sexo, lazer, morar em república, atividade remunerada, usar drogas, usar álcool, fumar cigarros, e utilizar remédios (todas com $p < 0,20$ na análise bivariada ou diferentes estatisticamente significativa entre os grupos) mantiveram-se no modelo de regressão final, cursar o primeiro ano com R.R. de 3,79 (I.C. 95% 1,56 - 9,20) e utilizar medicação com R.R. de 2,70 (I.C. 95% 1,43 - 5,08), condições que, se concomitantes, proporcionam um risco relativo acumulado de 10,23 vezes. **Conclusão:** O estudo demonstrou maior prevalência de sintomas ansiedade nos alunos do primeiro ano em relação aos do sexto ano. Sendo assim, estratégias devem ser desenvolvidas para habilitar o estudante que está iniciando o curso médico a ter melhores condições no enfrentamento de situações ansiogênicas associadas a esse período. Aprovado pelo comitê de ética do Hospital de clínicas de Porto Alegre (nº 09-444).